

JB 22.10.85

A hora da resistência ao branco

Aldeia Mãe de Maria, Sul do Pará/Fotos de Ilana Lansky

Edilson Martins

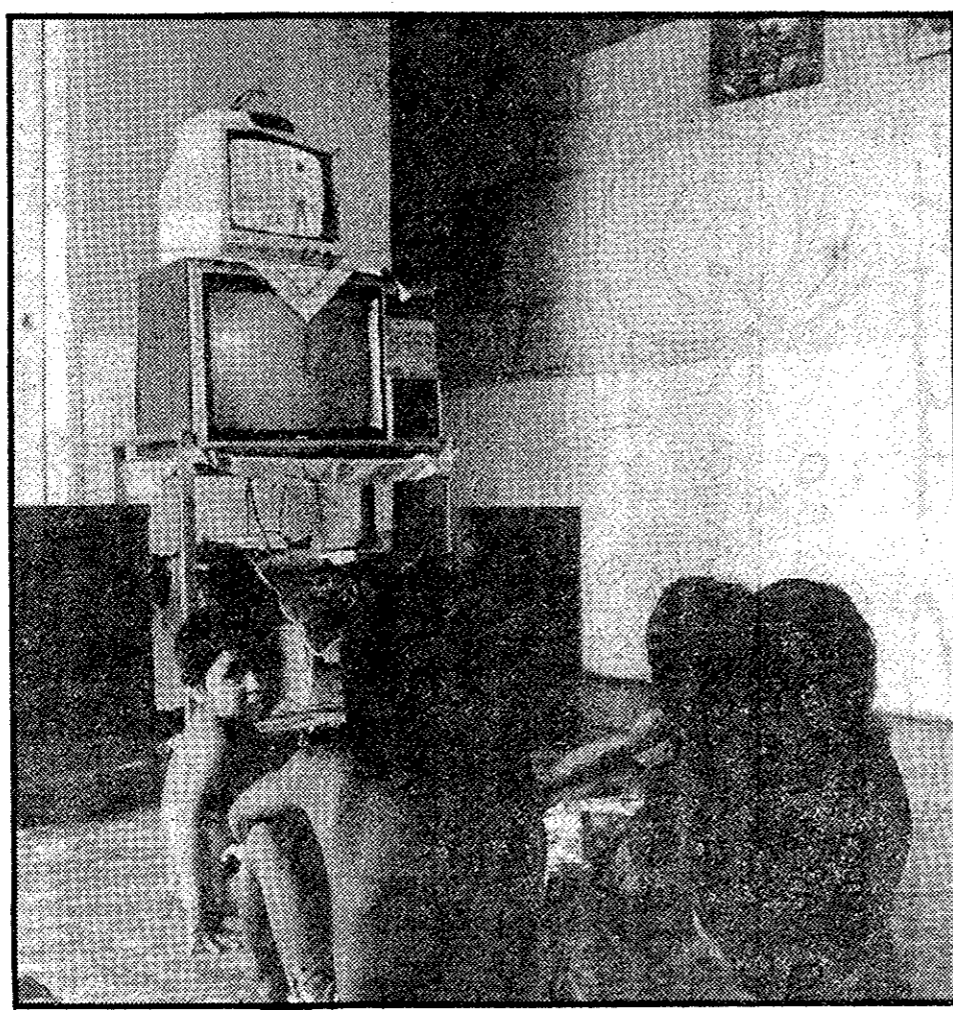
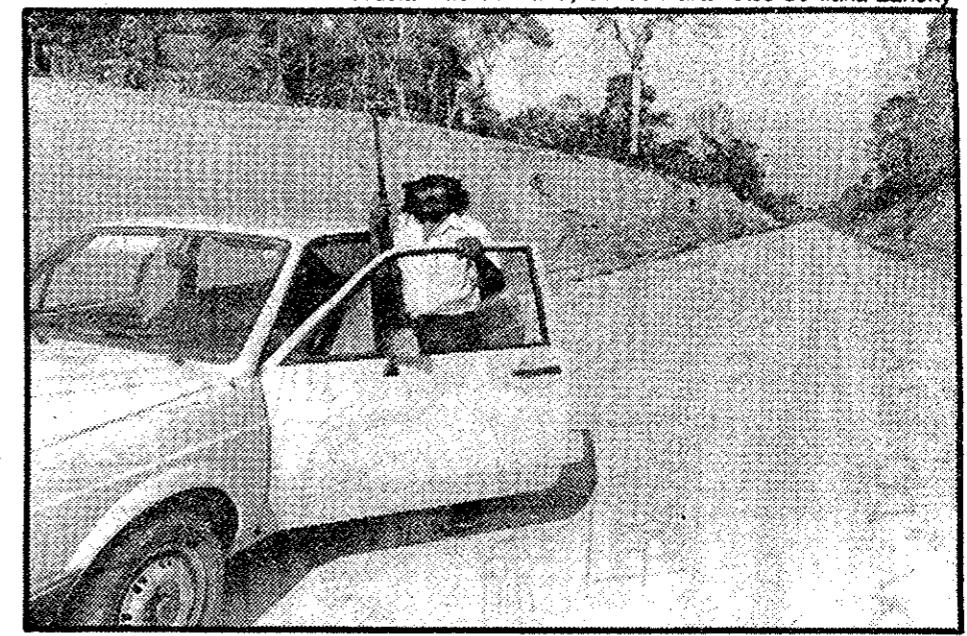
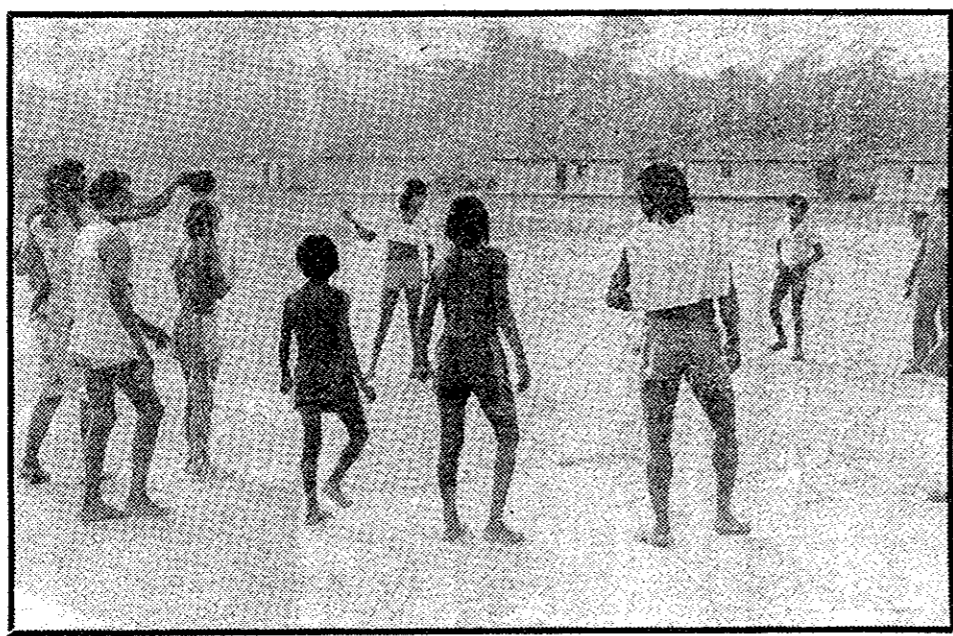
PARA seu último quarup — cerimônia sócio-religiosa dos índios — os habitantes do Parque do Xingu já haviam convidado três ministros de Estado. Na Nova República, cada vez mais os índios reivindicam, por vezes de forma violenta, participação não só no seu próprio destino como também no universo civilizado que os cerca. Os tempos, definitivamente, mudaram.

Mas o que não se sabia até hoje é de uma nação indígena convictamente decidida a fechar seu território a qualquer convivência com o homem branco. Ricos, vivendo numa aldeia de alvenaria, associados ao garimpo e exportando castanha, são assim os índios Gavião da aldeia de Mãe-Maria, sul do Pará. Recentemente, eles expulsaram de suas terras enfermeiras, professores, assessores técnicos, funcionários da Funai, tudo enfim que significasse civilização. Ficaram, porém, com alguns confortos desta, os aparelhos de TV, os videogames, sistemas de som sofisticadíssimos, freezer, carros do ano, tudo que seu dinheiro pôde comprar.

A história desses índios é das mais curiosas. Instalados num verdadeiro barril de pólvora — o município de Marabá, onde se registra hoje o maior volume de invasão de terras em todo o país — os Gavião, num total em torno de 200 homens e mulheres, viram seu território convulsionado por três importantes episódios: na década de 70, a passagem por ali da rodovia PA-70, estabelecendo a conexão de Marabá com a Belém-Brasília; em 1980, o surgimento da rede de transmissão da Eletronorte (por essa nova utilização de suas terras os índios foram indenizados em Cr\$ 40 milhões, bom dinheiro para a época, desperdiçado, entre outros projetos, na singularíssima e desastrosa aldeia de alvenaria); e por fim a ferrovia Carajás-São Luís, outra invasão de seu território, outra indenização (desta feita pela soma que atingia, em agosto passado, a casa dos Cr\$ 7 bilhões).

Nenhuma nação indígena deste século tem vivido experiências tão assustadoras — diz o sertanista José Ferreira, chefe da Ajudância da Funai em Marabá. — Conscientes de sua dignidade, os índios do grupo caiapó saíram do ciclo da castanha, que tão bem sabiam administrar, para entrarem na era das aplicações financeiras, das negociações bancárias, no mundo encantado da tecnologia eletrônica. Desconfio de que estejam pagando caro por isso.

As invasões de terra se sucedem na região, para a qual convergem os retrantes das enchentes nordestinas, os desempregados com a conclusão das obras de Tucuruí, os arrebatados pelo sonho de enriquecer rápido nos garimpos do ciclo do ouro e ainda os que imaginam, ingenuamente, ser possível conseguir emprego no projeto Ferro-Carajás. O território de 62 mil hectares é decerto a última



O carro do ano, novas práticas lúdicas, o aparelho de TV e o videogame. Os índios, sobretudo os jovens e as crianças, estavam cada vez mais vulneráveis à influência civilizada

memória ainda viva da dizimada floresta amazônica da região. Os índios Gavião sofrem intolerável pressão de grileiros, fazendeiros, negociantes sem escrúpulos, todos cobiçando suas valiosas e ainda preservadas terras. Trinta e seis famílias já foram introduzidas ali, o latifundiário João Queirós briga na Justiça por uma parte delas. Segundo o índio potiguar Tiuréia, com os Gavião há quase dez anos, a família de Queirós "insiste em lançar posseiros contra os índios, oprimido contra oprimido, de tal forma que ficamos todos enfraquecidos." Há três meses, grileiros mataram um trabalhador e feriram dois que serviam à comunidade Gavião. Mais recentemente, destruíram uma guarita no interior da reserva, tomaram as armas, espancaram trabalhadores.

O clima é tenso, mas não perturba o chefe Krokrenhum, líder incontestável da comunidade, capaz de dominar com um olhar todo o seu estado-maior. Raramente recebe um visitante, delegando tal tarefa aos seus lugares-tenentes. Não quer se desgastar com encontros diretos, o que já é de conhecimento dos importantes diretores da Eletronorte e da Vale do Rio Doce que o procuram. Liderar, negociar, mas nada de intimidades perigosas, parece dizer Krokrenhum em sua diplomática sabedoria.

A reviravolta atual da aldeia é decisão soberana deste chefe. Os brancos foram expulsos. E mais: as casas de alvenaria, que custaram tão caro, vão ser abandonadas em troca da primitiva arquitetura indígena. A nova aldeia será em São Raimundo, no outro extremo, onde a água é farta e a mata generosa. A experiência dos últimos dois anos de convívio com o mundo civilizado não poderia ter sido mais amarga para os índios Gavião. Quem o diz é o próprio Krokrenhum. Apesar de toda a fortuna hoje depositada em conta bloqueada — comunidade Gavião, Funai e Vale do Rio Doce — eles devem à praça de Marabá cerca de Cr\$

300 milhões. Resultado do mergulho deslumbrado que deram na parafernália de eletrodomésticos, nas festas da aldeia, em extravagâncias várias (no último carnaval, chegaram a contratar costureiras com a missão de produzirem fantasias para eles e para numeroso grupo de brancos convidados).

Guaranás e cervejas foram introduzidos na aldeia nessas ocasiões, embora, por decisão de Krokrenhum, bebidas alcoólicas estejam proibidas aos índios. Mas outras mudanças aconteceram: as corridas de toras foram trocadas pelo futebol, a língua Gavião é cada vez menos falada, a colheita de castanha pela primeira vez não cobriu os custos da contratação de trabalhadores civilizados, os ritos tribais cederam lugar aos programas de televisão, uma certa indolência substituiu as antigas práticas coletivas de trabalho. Por fim, o engravidamento de duas índias por homens brancos, segundo se suspeita, desencadeou o processo — inédito no Brasil — de resgatar os valores perdidos no contato com a civilização.

Krokrenhum — que detesta ser fotografado — está no centro de todo esse processo. Voltando de uma caçada, esperando encontrar os jovens paramentados para o rito desse acontecimento, surpreendeu-os jogando futebol. Irritado, sentindo-se "apunhalado pelas costas", como ele próprio diz, quebrou seu maracá. E toda a aldeia tremeu.

Para os índios, o centro do mundo está simbolizado pelo centro do pátio da aldeia. Ali se realizam os rituais e se desenvolve a vida comunitária. Se o centro do mundo é este, o centro do universo é o maracá, redondo, em forma de cabeça, ao som do qual dançam e cantam, seguindo sempre o traçado circular que acompanha a trajetória do Sol.

Ora, se Krokrenhum, o grande chefe, sobre o qual recai o peso de conduzir o povo Gavião, quebrou o maracá, é sinal de que algo de grave deve lhe ter sido sussurrado pelos deuses.